

OS POLÍTICOS E A NAÇÃO

3. IX. 58

O grande mal dêste País, o que gera e condensa todos os demais, é a falta de espírito público. Não o têm, em geral, os políticos, não o têm os funcionários e, sobretudo, não o tem a população, em qualquer das suas classes, da mais à menos elevada.

Uma eleição torna-se, por isto, um espetáculo doloroso, para não dizer degradante. Não por falsidade do voto, o qual, não obstante as suas graves falhas processuais, se tornou uma realidade aceitável, mas pela natureza dos processos em que a corrupção, sob tôdas as suas formas, substitui em grande parte a violência, e pela carência de consciência cívica, igualmente evidenciada em candidatos e eleitores. Trafica-se com o voto popular, quando não se faz dêle o suporte das mais vis paixões. Transformou-se a eleição em colossal feira.

Não admira, assim, que vá baixando constantemente o nível das assembleias representativas e que cada vez mais ordinário seja o estôfo dos governantes. Se é verdade que baixou súbitamente na transição do Império para a República e nesta não tem cessado de se degradar a qualidade dos nossos homens públicos, não menos certo é que abrupta se tornou a decadência, quando, pelo sigilo, o sufrágio popular se tornou efetivo. Tudo piorou na vida pública brasileira, em vez de melhorar, como com aparente razão esperavam os paladinos da reforma eleitoral.

E' que a vida pública se deslocou da cúpula da Nação, onde exclusivamente se fazia, para a base, que até então lhe permanecera estranha. E ninguém se preparou, nem foi levado a preparar-se para a mutação. Pior do que isto, mal se fizera a reforma eleitoral, tendo-se realizado uma primeira experiência encorajadora, o sr. Getúlio Vargas interrompeu criminosamente, com a longa ditadura do Estado Novo, a evolução democrática que laboriosamente se vinha fazendo. Caída a ditadura em 1945, restabeleceu-se o voto secreto, embora em condições muito menos favoráveis, por falta de outras garantias de legitimidade, mas a débil consciência cívica anterior a 1937 havia-se perdido definitivamente. As eleições estão levando a resultados cada vez piores. Quaisquer que fôssem as restrições que se pudessem fazer ao sr. Juarez Távora no último pleito presidencial, incomparavelmente superior era êle a qualquer dos seus dois concorrentes. Entretanto, o eleitorado preferiu um dêstes. A mesma observação se poderia fazer em relação aos dois pleitos anteriores, em que a Nação não soube, ou não quis escolher bem. Se maus, e cada vez piores, têm sido os eleitos, é que melhores não são os seus eleitores.

Nenhuma razão tem, pois, o comentarista do «Boletim Comercial», interessante publicação que se faz diariamente no Rio, quando, aos demais brasileiros, opõe os políticos profissionais e os burocratas. Ouçamo-lo.

«Os políticos profissionais e os burocratas, deveriam agir de maneira mais inteligente no tocante à exploração das atividades dos seus 65 milhões de escravos. Escravos esquilidos, pouca colheita.

«Qual o objetivo dos políticos profissionais? Empoleirarem-se nos cargos para terem subsídios, vantagens de toda sorte, viagens ao estrangeiro à custa do Tesouro, empre-

gos para filhos, filhas, genros, noras, sobrinhos e afilhados e os demais componentes de suas clientelas eleitorais. Entre os objetivos dos políticos profissionais, pelo menos para uma grande quantidade dêles, é preciso não esquecer a possibilidade de bons negócios — pagamento de contas caídas em exercícios findos, empreitadas, indultos de contrabandistas e mil e um outros negócios fáceis e rendosos.

«Os burocratas, vítimas da mesma ilusão do Chantecler de Rostand, acabam acreditando que êles é que fazem o Brasil progredir. «As partes» são indivíduos sem nenhuma expressão, que êles enxergam do alto, num misto de desprezo e piedade.

«Massacrados pelos políticos profissionais, preocupados com seus negócios, com os interesses da parentela e pelos burocratas entretidos com seus próprios problemas — promoções, funções gratificadas, reajustamentos de vencimentos — os brasileiros lutam desesperadamente para construir no Brasil uma grande nação, rica, próspera, civilizada, digna do território que lhe coube».

Como fez notar o sr. Raul Pilla, ao comentar estas afirmações do «Boletim Comercial», não é verdadeira a dicotomia estabelecida pelo jornalista: de um lado, os políticos profissionais, «preocupados com os seus negócios e os interesses da parentela», e os burocratas, «entretidos com os seus próprios problemas»; do outro lado, os brasileiros, «que lutam desesperadamente para construir no Brasil uma grande nação, rica, próspera, civilizada, digna do território que lhe coube». Não: o que dêste último lado se vê «é gente que luta, a maioria simplesmente para viver, os outros para prosperar e enriquecer, mas com inteiro desconhecimento, senão desprezo, dos altos interesses do País. Descontadas poucas exceções, que são por isto altamente honrosas, o que se vê é o comerciante, o industrial, o agricultor, o trabalhador, exclusivamente ocupados com os seus interesses imediatos, que nem sempre são os seus bem entendidos interesses. Figuras há, nas chamadas classes conservadoras, que estão sistematicamente com o poder, por mais ruinoso que seja».

Não é, pois, justa a oposição que o articulista pretendeu estabelecer entre governantes e governados, entre eleitos e eleitores. O voto é hoje praticamente uma realidade: se os eleitos são maus, o menos que dos eleitores se pode dizer é que melhores não são êles. Por certo, não é exclusivamente dêles a culpa: dela participam os partidos, que não orientam devidamente os cidadãos, e, mais ainda, o regime vigente, que, em vez de educar, perverte os cidadãos. Mas outro rumo tomaria o País, se todos cumprissem o seu dever de votar e o fizessem sob a inspiração do bem público, em vez de se deixar levar pelo interesse, pela paixão, ou pelo comodismo.

Veremos, dentro em pouco, como se comportarão no Rio Grande os que, não sendo políticos profissionais, nem burocratas, poderão dar êste ou aquêle rumo à coisa pública.